

Editorial

O número 1 do volume 5 da Revista Desenvolvimento & Civilização traz uma série de reflexões que reforçam e confirmam o escopo editorial do periódico, aprofundando as relações entre trabalho e educação, especificamente, na formação profissional da classe trabalhadora. Sabe-se que, historicamente, os cursos de formação técnica e profissional no Brasil foram dirigidos a um público específico: os pobres, órfãos, marginalizados e desvalidos da sorte. Tal situação se fundamentava em duas situações. A primeira diz respeito à necessidade do Estado atender a uma demanda do capital, qual seja: a de suprir mão de obra para trabalhos e ofícios simples e de baixa remuneração. A segunda defende a ideia de que o pobre e os filhos dos pobres não podem ficar na ociosidade: todos precisam ser formados e forjados para o trabalho, reforçando a falsa relação entre as marginalidades, uma vez que se acredita que os pobres, caso fiquem ociosos, caminharão para a criminalidade.

Este ideário foi central no funcionamento das escolas técnicas no Brasil: instituições que não só formavam profissionais técnicos, mas que também difundiam uma educação moralista, ancorada na conformação psicossocial dos trabalhadores de modo a contribuir para um tipo de expansão capitalista específico da periferia, marcado pela exploração, pelo subdesenvolvimento e pelo atraso. Este cenário é fundamental para o funcionamento do sistema, uma vez que não basta apenas preparar alguém para o trabalho, categoria ontológica e fundamental para a manutenção da vida. O que se faz, aqui, é formar indivíduos, tal como dito por Marx no primeiro livro de O Capital, que naturalizam e se acostumam com a venda de sua força de trabalho em condições que eles mesmos não têm como alterar.

A R T I G O



Com o passar do tempo, o cenário da formação profissional no país foi vagarosamente se alterando. Depois de uma série de avanços e retrocessos, em dezembro de 2008, o Governo Federal criou a Rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: uma política inovadora, revolucionária, progressista e audaciosa. A proposta prevê a oferta, por uma mesma Rede de instituições multicampi, de cursos de diferentes níveis e modalidades de ensino, que funcionem a partir da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, organizados de modo verticalizado e buscando a integração como horizonte. Além disso, vale dizer que a Rede se expandiu de modo interiorizado, chegando em regiões brasileiras que nunca antes haviam recebido uma instituição federal de ensino.

No ano de 2023, a Rede de Institutos Federais comemorou 15 anos. Dentre os vários eventos que marcaram a celebração da data, aconteceu no Rio de Janeiro, no mês de dezembro, o I Seminário Internacional de Formação de Professores para a Educação Profissional, Técnica e Tecnológica. O evento, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Educação Theotônio dos Santos (ProDED-TS UERJ), contou com a parceria de diversas instituições e reuniu pesquisadores brasileiros e de países latino-americanos ocupados com a relação trabalho e educação e as políticas de formação profissional. A maioria dos artigos que são publicados neste número da RD&C foram apresentados neste Seminário.

Tendo como horizonte a formação técnica e tecnológica, sobretudo aquela oferecida pelos Institutos Federais, as publicações deste número abordam diferentes perspectivas deste tema, desde a unidimensionalidade de valores formativos passados pelo esporte até a ampliação da noção de currículo integrado para além dos cursos de ensino médio integrado (EMI). Nesse ínterim, há também reflexões sobre a importância do desenvolvimento de uma avaliação voltada para o EMI, no intuito de desenvolver uma formação focada na autonomia e emancipação. Outro ponto também abordado em dois artigos desta edição sinaliza para o grande

desafio da formação docente, tanto aquela oferecida pelos campi dos Institutos Federais quanto aquela específica de docentes para atuarem na educação profissional e tecnológica. Nos dois casos, insiste-se na necessidade da superação da visão pragmática.

Para ampliar a discussão, o número conta com outros dois importantes trabalhos. Um que relaciona a estrutura econômica, o fenômeno da modernização conservadora e o capitalismo tardio com a educação – reflexão necessária para reconhecer traços que permeiam e reforçam as marcas e desafios que são específicos para os países da periferia do capital. O outro artigo traz uma arrojada análise da relação trabalho e educação a partir da reconstrução de sua memória. Nesta pesquisa, é central observar como, ao longo da história, o trabalho foi imposto à classe trabalhadora que, ao mesmo tempo, teve negado seu acesso a uma educação potente.

Por fim, a presente edição conta com outros dois artigos que versam, em síntese, sobre o avanço do capital sobre a educação a partir de dois discursos atuais. No primeiro, tem-se acesso a uma pesquisa acerca do fenômeno do protagonismo juvenil, termo muito comum nos discursos que são associados às políticas de ensino médio. O segundo texto, traz uma interessante análise acerca do Pronatec. Nos dois casos, o que se vê, como já dito, é o avanço da reforma empresarial da educação, que privatiza não só instituições, mas também indivíduos, transformando tudo e todos em oportunidade de negócio, ampliando as oportunidades para a acumulação capitalista.

A leitura deste exemplar da RD&C é um convite não só para acessar textos densos e com temáticas pertinentes, atuais e bem desenvolvidas, mas também permite um diagnóstico do contexto atual, profundamente marcado por um avanço do capital na perspectiva de gerar precarização, ampliação da exploração e destruição das condições básicas da vida, dentre as quais se destacam o direito de acessar uma educação de qualidade. Neste sentido, muito além do diagnóstico e da análise da conjuntura, o que se

espera é que as pesquisas aqui publicadas sejam capazes de lançar as bases para o fortalecimento e a difusão de uma educação contra-hegemônica, comprometida com a emancipação, a autonomia e com melhores condições de vida e trabalho para todas e todos.

Tiago Fávero de Oliveira